

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**Francine Schuch Bungi**

**O PERCURSO COM A PATINAÇÃO ARTÍSTICA E AS POSSIBILIDADES DE  
ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Porto Alegre

2017

**Francine Schuch Bungi**

**O PERCURSO COM A PATINAÇÃO ARTÍSTICA E AS POSSIBILIDADES DE  
ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão de graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Fabiano Bossle

Porto Alegre

2017

**Francine Schuch Bungi**

**O PERCURSO COM A PATINAÇÃO ARTÍSTICA E AS POSSIBILIDADES DE  
ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Conceito final: \_\_\_\_\_

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ - Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul

Orientador – Prof. Dr. Fabiano Bossle – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2017

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral interpretar as narrativas de professores de patinação artística para compreender como se dá a formação de um profissional da área e sobre suas possibilidades para as aulas de educação física escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Foi realizado um questionário com alguns técnicos e professores de patinação do Rio Grande do Sul com o intuito de interpretar os diferentes percursos e compreender as possibilidades construídas para o ensino da patinação na Educação Física escolar. Como resultado, entendeu-se que a patinação pode ser utilizada como alternativa nas aulas de educação física escolar, se ministrada por um professor que domina e tem experiência na área, proporcionando uma ampliação do repertório motor e cultural dos alunos.

Palavras-chave: Patinação Artística. Educação Física. Escolar. Narrativas.

## **ABSTRACT**

The present study has as general objective to interpret the narratives of teachers of figure skating to understand how the formation of a professional in this area is given and about its possibilities for the classes of Physical Education school. This paper is a qualitative research. A questionnaire was conducted with some skating technicians and teachers from Rio Grande do Sul in order to understand different courses and to realize possibilities built for the teaching of skating in Physical Education at schools. The results made it possible to understand that skating can be used as an alternative in school PE classes, if given by a teacher who has mastery and has experience in the area, providing an amplification of the students' motor and cultural repertoire.

**Keywords:** Artistic Roller Skating. PE. Physical Education. School Narratives. Figure skating.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Metodologia.....	8
3. Revisão de Literatura.....	9
4. Possibilidades da Patinação na Educação Física Escolar.....	12
5. Meu Percorso com a Patinação Artística.....	14
6. Análise das Entrevistas.....	17
7. Considerações Finais.....	27
8. Referências.....	29
9. Apêndice A – Questionário.....	31

## 1. INTRODUÇÃO

Inicialmente a patinação surgiu como uma forma de locomoção para quem morava em lugares frios. Esses habitantes começaram a acoplar sobre suas pernas uma espécie de patins, feitos com ossos que os ajudavam a atravessar os lagos congelados. Na Idade Média, os ossos foram substituídos por elementos que passaram a causar menos atrito com o gelo, como lâminas de madeira e depois lâminas de ferro. Assim, a patinação foi usada primeiramente para atravessar regiões congeladas e, mais tarde, como forma de recreação. Joseph Merlin (nascido em Huys Bélgica em 1735) é considerado o criador do primeiro patins, em 1770, em Londres, no Museo Cox em Spring Gardens, quando exibiu um par de patins sobre rodas. (BRANDÃO, 2009). A patinação passou por diversas mudanças ao longo dos anos até chegar ao seu formato hoje. Existem três modalidades conhecidas: o hóquei, o *roller derby* e a patinação artística, da qual falarei neste trabalho.

Desde criança me encontro envolvida com a patinação artística. Percorri um longo processo até me tornar professora, e entrei no curso de Educação Física por influência da prática. O que sempre me atraiu no esporte foi a parte artística. Criar coreografias, expressar-se através de movimentos, utilizar da criatividade para encantar os outros e ainda mostrar uma grande força com movimentos complexos fizeram eu me apaixonar pelo esporte. E, além de tudo, tive a oportunidade de trabalhar com crianças transmitindo meu conhecimento sobre algo que gosto. Infelizmente ainda não temos a mesma visibilidade de outros esportes, fazendo com que a patinação não seja tão conhecida e praticada. Entendo que com mais evidências sobre o esporte, mais pessoas poderão experimentar e expandir a prática.

Segundo DIAS (2006), a maioria dos profissionais e educadores físicos nesta área baseiam-se em conhecimentos empíricos e conteúdos práticos adquiridos durante vários anos de ensinamentos. Cursos com técnicos mais experientes também tem como objetivo disseminar os conhecimentos da patinação artística no Brasil. O esporte vem crescendo, tornando-se cada vez mais uma prática reconhecida por todos. Tanto para atletas profissionais, como para pessoas em busca de lazer, a patinação traz experiências e desenvolvimentos significativos para o ser humano. Divertida, que ao mesmo tempo exige força, equilíbrio e concentração, pode ser também uma prática adotada nas aulas de educação física escolar.

Infelizmente os patins têm um custo alto, o que dificulta o acesso ao esporte. Porém, pode trazer inúmeros benefícios para o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. O professor de educação física deve promover as mais distintas experiências corporais para seus alunos, além de trabalhar as questões culturais das práticas. A patinação poderia enriquecer ainda mais o repertório corporal, motor e cultural de nossas crianças. Como seria possível trazer a prática para a escola?

Visto que não existe nenhum tipo de aprendizagem específica da patinação dentro do curso de educação física, surge o seguinte problema da pesquisa: Como ocorre a construção do percurso com a patinação artística e quais suas possibilidades na educação física escolar? O objetivo deste estudo é interpretar as narrativas de professores de patinação artística para compreender como se dá a formação de um profissional da área e sobre suas possibilidades para as aulas de educação física escolar.

Para isso, o trabalho tratará das possibilidades na educação física escolar segundo a literatura. Além disso relatarei como foi meu percurso com a patinação e minha experiência ao aplicá-la na educação física escolar, comparando o que vivi com as narrativas de outros professores de educação física, analisando as vivências de cada um e também suas opiniões sobre a patinação artística.

## 2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para tratar do problema de pesquisa formulado, “como ocorre a construção do percurso com a patinação artística e suas possibilidades na educação física escolar?”, essa investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Escolhi oito professores de patinação artística que trabalham no Rio Grande do Sul para responder a um questionário, com a intenção de compreender como foram os percursos dos professores com a patinação artística, como começaram no esporte e como começaram a dar aulas. Os professores também foram questionados quanto às possibilidades da patinação na educação física escolar e como poderia ser ensinada aos alunos. Para escolher estes oito professores, procurei aqueles que já tive algum contato ou que fossem mais próximos da dona da escola de patinação em que trabalho. Tentei encontrar também pessoas que tinham idades e experiências diferentes para contribuir para a pesquisa. Entrei em contato virtualmente com onze pessoas, e oito me responderam, dois não responderam e um não pode participar. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa deixei-os anônimos neste trabalho, utilizando os seguintes nomes para me referir a eles: Sujeito A, Sujeito B, Sujeito C, Sujeito D, Sujeito E, Sujeito F, Sujeito G e Sujeito H.

Entendo pesquisa qualitativa a partir de duas referências básicas: “[...] a *pesquisa qualitativa é a ciência do particular. Qualitativa significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana*” (STAKE, 2011, p. 21) e; “[...] *A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem*” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

A pesquisa qualitativa realizada segue o preceito da particularidade. Compreendo que ao me propor em investigar os significados sobre a construção dos percursos de certas pessoas, envolvidas com a patinação, estou remetendo às possibilidades de contemplar o que é singular em cada representação sobre o

vivido. Nesse sentido, entendi prudente realizar os questionários narrativos. Para Jovchelovich e Bauer (2002), a narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e de seu contexto social.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

A visibilidade da patinação artística vem crescendo na mídia com as exposições da patinação no gelo em canais esportivos, e filmes e novelas que falam do esporte, fazendo com que mais pessoas procurem pela prática. Entretanto, de acordo com a Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação (CBHP), existem onze federações espalhadas pelos Estados brasileiros, um número pequeno se comparado a outros esportes. E, conseqüentemente, por ser um esporte ainda pouco disseminado, existem poucos trabalhos publicados que contemplem conhecimentos da prática. O que se acha de artigo em português nos bancos de dados que procurei, como o SABI e o CAPES trata mais da cinesiologia e da biomecânica dos movimentos da Patinação Artística, como é o caso do estudo de Pantoja (2012), que foi aluna de educação física da UFRGS. O trabalho teve como objetivo analisar as respostas cinemáticas e neuromusculares de diferentes saltos da patinação artística sobre rodas, com e sem patins, as respostas cinéticas dos mesmos saltos sem patins, e as respostas cinéticas e cinemáticas do *countermovement jump* (CMJ), *drop jump* (DJ) e *squat jump* (SJ), em patinadores de elite. Foram avaliados quatro patinadores de elite do Rio Grande do Sul, sendo estes uma mulher e um homem da categoria Junior e uma mulher e um homem da categoria Sênior. Após as coletas concluiu-se que os resultados obtidos no presente estudo sejam considerados no planejamento de um treinamento específico, já que podem ser importantes para o desenvolvimento dos patinadores de elite, provavelmente sendo úteis também para os patinadores de outros níveis que almejam alcançar o nível internacional e obter sucesso em competições.

Em outro estudo do curso de educação física da UFRGS, Antunes (2012), trata da parte fisiológica de patinadores e teve como objetivo comparar os efeitos de dois tipos de sessão de treino de patinação sobre parâmetros fisiológicos e neuromusculares de atletas da patinação artística sobre rodas. Nove atletas realizaram dois diferentes tipos de sessão de treino, de forma randomizada: uma sessão convencional (na qual o número de saltos e intervalos realizados foram determinados pelo técnico das atletas, conforme treinamento normalmente realizado pelas mesmas (resultando em uma média de 139 saltos), e uma sessão sistematizada (na qual foram realizados 96 saltos, com intervalo de 6s entre cada salto, 2 a 3 min entre cada repetição e 5 min a cada quatro repetições). As atletas foram avaliadas antes, imediatamente após, 5 min, 10 min, 15 min, 30 min, 24h, 48h

e 72h após a realização das sessões, em parâmetros relacionados à atividade muscular, taxa de produção de força, altura e potência dos saltos SJ, CMJ e DJ e concentração sanguínea de creatina quinase e de lactato. Como resultado foram observadas poucas diferenças significativas entre as sessões de treino avaliadas, o que indica que ambas representam uma intensidade semelhante de treino. No caso da sessão sistematizada, os achados confirmam a hipótese de que uma sessão de treino com número de saltos e tempo de intervalo definidos seria uma alternativa interessante de expor menos o atleta a uma grande quantidade de impacto e, mesmo assim, atingir os mesmos resultados da sessão convencional.

Tudury (2012), trata do tema da motivação no contexto das aulas de patinação artística para jovens praticantes, com o objetivo de aprofundar conhecimentos teóricos sobre a motivação e relacioná-los com a docência da patinação artística infanto-juvenil. Além das dissertações, encontrei uma entrevista do CEME com Laura Dias Pantoja, que assumiu a presidência da Federação Gaúcha de Patinagem em 2005, mas desde 1998 já atuava como voluntária. Durante seus relatos ela conta como começou a trabalhar na federação e seu envolvimento com o esporte por conta de sua filha.

Como a busca por literatura não trouxe muitos resultados resolvi ampliar minha busca para plataformas mais informais, como o Google Acadêmico. Encontrei algumas possíveis referências, mas ainda há poucos trabalhos que abordem a patinação artística no Brasil. No texto de Schmitz e Kirchner (2016), conta-se a história do Clube de Patinação Danúbio Azul, seus avanços e contribuições adquiridas com o processo de formação e desenvolvimento na cidade de Itapiranga/SC. O texto também fala sobre as influências do clube de patinação na cultura local e regional, bem como as contribuições no desenvolvimento dos patinadores como seres humanos.

Seguindo a procura, encontrei um trabalho de Pardo (2015) que traz a patinação como uma alternativa nas aulas de educação física na escola. Segundo Nicolás (2011, apud PARDO, 2015, p.6) para as crianças a patinação apresenta-se como um jogo motivante, de vertigem, produz sensações de dominação do medo, de cair e da velocidade, desenvolve vários aspectos psicomotores que são trabalhados nas aulas de Educação Física e os professores podem aproveitar estes aspectos e o auge da patinação de rua para introduzi-lo na escola como um novo recurso. O autor ainda relata que na escola, a patinação permitirá aos alunos a experiência de um

novo ambiente que é estar sobre quatro rodas. Os patins como um meio para jogar com o equilíbrio, desenvolver a coordenação entre as distintas partes do corpo, melhorar a autoconfiança do aluno, a cooperação e ajuda entre companheiros, a responsabilidade cívica, a imaginação, as habilidades, entre outros, despertar o interesse por uma nova atividade, descobrir as diferentes modalidades da patinação como: hockey, velocidade, artístico, slalom e radical; encontrar um novo meio de transporte (apud PARDO, 2015, p. 7).

#### **4. AS POSSIBILIDADES DA PATINAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A educação física escolar não tem como objetivo somente ocupar seus alunos com alguma atividade. Temos o dever de trabalhar as mais diversas culturas corporais, trazendo para nossos alunos diferentes experiências. Segundo Silva e Brachy (2012) devemos inovar os conteúdos da Educação Física, ampliando-os para além dos tradicionais esportes, tematizando outras manifestações da cultura corporal de movimento, além de considerar como conteúdos de aula os aspectos ligados ao conhecimento sobre a cultura corporal de movimento. A patinação traz diversos benefícios para nosso corpo e mente. Ferreira (2012) determina como habilidades técnicas da patinação: equilíbrio estático e dinâmico, cair e levantar-se, flexão e extensão dos membros inferiores em movimento, deslize para a frente e impulsão, parada do movimento em cima dos patins, patinar de costas, ultrapassar obstáculos e domínio da posição básica do patinador, a qual, precisa de um controle postural e se caracteriza por ter os joelhos ligeiramente fletidos, o tronco em extensão e ligeiramente inclinado à frente.

Navas (2006, apud PARDO, 2015 p.14) desenvolveu um programa de ensino de patinação em 4 ciclos, onde tem como objetivos oferecer às crianças as oportunidades e os conteúdos necessários para que elas se sensibilizem, adquiram experiências, melhorem sua motricidade e se iniciem nas destrezas básicas da patinação, tudo isto de forma lúdica. O ciclo 1 seria a iniciação, o ciclo 2 a transição, o ciclo 3 o aprofundamento e o ciclo 4 a tecnização dos movimentos.

Muñoz et al. (1999, apud PARDO, 2015 p.15) enfoca o ensino da patinação no modelo curricular de acordo com um sistema de fases (com duração de dois anos cada), níveis e unidades. As fases propostas são: incorporação, para crianças de seis a oito anos, cujo objetivo é que a criança adquira novas experiências, melhore sua motricidade e se inicie nas destrezas básicas da patinação; fundamentação, de oito a dez anos, tem como objetivo solidificar as destrezas da patinação, iniciar a fundamentação nas diversas técnicas e desenvolver os aspectos sócio afetivos da criança; aperfeiçoamento, de dez a doze anos, com o objetivo de permitir às crianças a vivência das diferentes modalidades da patinação, satisfazendo seu interesse, preparando e orientando-as.

Nicolas (2011, apud PARDO, 2015 p.15) afirma que a patinação é um recurso a mais que pode ser utilizado pelos professores nas aulas de educação física para

trabalhar diversos aspectos psicomotores. Destaca o desenvolvimento de aspectos motores como sensações proprioceptivas e a dissociação intersegmentária. Seu programa de ensino da patinação na escola é de 6 fases: familiarização, deslizamento em equilíbrio, agrupamento, mudanças de direção, desvio de obstáculos – pular e patinar de costas. Os exercícios desenvolvidos em cada uma das fases são de caráter lúdico fazendo a combinação do momento de aprendizado com situações divertidas.

## **5. MEU PERCURSO COM A PATINAÇÃO ARTÍSTICA**

Quando pequena, sempre estive envolvida com os esportes. Meu irmão praticou a vida inteira handebol, e não foram poucas as vezes que ele me ensinava os movimentos para ter com quem brincar. Já minha avó sempre teve o sonho de me colocar na patinação, pois minhas primas quando pequenas praticavam o esporte no Colégio Dom Bosco, onde a maioria das pessoas da época começaram a patinar. Em 2001, eu tinha sete anos, ela me levou para ver uma aula de patinação que havia descoberto perto de sua casa, e desde então nunca me afastei do esporte. Ela sempre me incentivou a participar de apresentações, campeonatos, e por vezes bancou fantasias e inscrições, pois os custos eram caros. Mas o que mais me atraía no esporte era a parte artística. As coreografias, a expressão corporal, a disciplina e ao mesmo tempo a criatividade. Na patinação pude unir minha paixão pela dança, que nunca pratiquei oficialmente mas sempre admirei, com a atividade física em si. Por estar sempre envolvida com coreografias e apresentações, minha professora me convidou para ajudar a dar aulas para os pequenos. Não pensei duas vezes e prontamente aceitei.

Comecei como monitora ajudando em diversas escolas em que dávamos aula, e no meio de 2013 assumi minha primeira turma sozinha. Nesse meio tempo, em janeiro de 2012 quando prestei meu primeiro vestibular ao sair da escola, passei em Pedagogia na UFRGS. Na época meus familiares formados em educação física me fizeram repensar se era mesmo o que eu queria, por ser uma profissão não valorizada e desgastante. Optei então pela pedagogia pois tinha uma certeza: queria trabalhar com crianças. Porém precisei de menos de um mês no curso pra saber que não estava no lugar certo. Me sentia muito jovem e deslocada, sem qualquer experiência na área, a não ser pela patinação onde trabalhava com os pequenos, e não me sentia pronta. Tranquei o curso e resolvi fazer curso pré-vestibular. Enquanto isso seguia dando aulas de patinação com minha professora. No fim do ano novamente a dúvida da escolha de curso. Imprimi diversas inscrições, mas no fim das contas a Educação Física venceu! Quando entrei no curso no início de 2013 me deparei com diferentes pessoas, vindas de diferentes esportes e práticas, e um leque de conteúdos para conhecer. Na faculdade, conheci poucas pessoas que tiveram contato com a patinação, mas sempre despertei a curiosidade de muitos pelo esporte. Durante o curso tive apenas uma vivência com a patinação, na disciplina de Pedagogia do Esporte. Uma aluna de mestrado da ESEF na época,

que é patinadora, ministrou uma aula de patinação para nossa turma. Foi muito bom ver o reconhecimento e o interesse dos colegas pela prática.

Enquanto isso eu continuava dando aulas de patinação. Cadeiras como a de desenvolvimento motor me fizeram entender melhor o que eu via nas crianças para quais eu dava aula. As cadeiras de fundamentos para os estágios, por mais que tratassem da educação física escolar também ajudaram muito no meu desenvolvimento como professora. E claro, os estágios. Pois até então eu só havia ministrado aulas para os colegas de faculdade, e para as crianças e adolescentes da patinação. No estágio do ensino fundamental veio então a ideia de dar aulas de patinação para as crianças. Procurei escolher uma turma com idade distante da que havia pego no estágio infantil para sentir realmente as diferenças do dia a dia do professor. Minha turma era de 4º ano, com aproximadamente vinte alunos. Resolvi trabalhar com o tema do estágio “Esportes que sofrem preconceito de gênero”. A ideia veio após a cadeira de Socioculturais III, e como forma de inserir a patinação nas aulas.

A patinação foi a última unidade do meu plano de ensino, antecedida pelo futebol, a dança e as lutas. Infelizmente, por questões de passeios e conselhos de classe, só tive duas aulas para passar o conteúdo da patinação. Então decidi dar aulas mais recreativas, com o intuito de os alunos experimentarem e conhecerem a prática. Trabalhei em duplas que calçavam o mesmo número para que pudessem revezar o uso do patins. Consegui os patins emprestados com minha professora, que me emprestou sem problemas. Em um primeiro momento de aula metade da turma usava os patins, enquanto suas duplas auxiliavam segurando a mão ou guiando o colega. Depois trocava quem estava de patins. Quando os alunos viram os patins ficaram muito entusiasmados. Eu já havia dito que teríamos a patinação nas aulas e eles desde o início mostraram interessa, mas quando viram que realmente eu tinha levado os patins ficaram empolgados. Mesmo com pouco tempo de prática, todos adoraram e se divertiram muito, mesmo com alguns tombos. Não queriam mais tirar os patins dos pés.

Fiquei muito satisfeita em poder levar o esporte até eles, pois muitos nunca tinham visto um patins, ou até mesmo ouvido falar da patinação sem ser no gelo. É gratificante proporcionar novas experiências aos alunos, e ver que é possível levar diferentes esportes para a educação física escolar, aumentando assim o repertório

motor dos alunos, trazendo diferentes formas de estímulo, trabalhando culturas distintas e desenvolvendo também a parte social dos esportes.

## 6. ANÁLISE DAS ENTEVISTAS

Neste capítulo apresento a análise das informações coletadas para a pesquisa que trata do percurso com a patinação artística e as possibilidades de atuação na educação física escolar. Retomo o problema da pesquisa que foi assim delimitado: como ocorre a construção do percurso com a patinação artística e suas possibilidades na educação física escolar? Para este trabalho entrevistei oito professores de patinação artística, de diferentes idades, com diferentes perfis e que atuam no Rio Grande do Sul. Dentre os entrevistados, quatro ainda estão cursando a faculdade de educação física e os demais já são formados. Sujeito A e Sujeito B possuem terceiro grau incompleto em educação física, Sujeito C é acadêmica de educação física na PUCRS e Sujeito D é acadêmica de educação física na UFRGS. Sujeito E é licenciada plena em educação física, Sujeito F é bacharel em educação física pela Univates, Sujeito G também é bacharel em educação física pela Ulbra e a formação do Sujeito H é licenciatura e técnica educação física no IPA, em 1981, e pós-graduação em ciência da saúde do desporto na PUCRS em 2006. A maioria começou ainda muito nova no esporte, mas a que iniciou mais cedo foi a Sujeito B, com um ano e meio de idade. Hoje ela tem trinta e nove anos e possui sua própria escola. O que começou mais tarde foi o Sujeito H, com doze anos, em um Colégio de Porto Alegre. Hoje ele tem sessenta anos e dá aulas de patinação em cinco escolas de Porto Alegre e um Clube. Sujeito C iniciou a prática aos onze anos e hoje, aos vinte e um anos, dá aulas em uma escola de patinação em Porto Alegre. Sujeito A também começou aos onze anos. Ele foi o único dentre os entrevistados que iniciou a prática da patinação na educação física escolar, pois na época fazia parte do currículo de sua escola. Hoje aos quarenta e nove anos de idade, tem sua própria escola de patinação. Sujeito D conheceu o esporte aos oito anos, como esporte extracurricular oferecido por sua escola. Hoje tem vinte e dois anos e dá aulas em uma escola de patinação de Porto Alegre Escola. Sujeito E começou também aos oito anos de idade, hoje tem trinta e um anos e é dona de sua própria escola de patinação. Sujeito G começou com sete anos, por influência de sua mãe, que a levou para conhecer o esporte em 1990. Hoje tem trinta e quatro anos de idade e também tem sua própria escola de patinação, que recentemente abriu seu próprio centro de treinamento, o primeiro ginásio destinado somente para patinação artística em Porto Alegre. Sujeito F também iniciou no esporte com sete anos, em um clube pequeno na cidade de Lajeado. Aos dez anos trocou de clube em busca

de treinamentos específicos para competições. Hoje tem vinte e seis anos e atua em duas diferentes escolas de patinação. Percebe-se então que os entrevistados encontraram o esporte ainda muito novos, e alguns tiveram a influência dos pais e parentes para praticar, e outros encontraram a patinação por ser uma atividade extracurricular oferecida pelo colégio que estudavam. Segundo Dias (2006) a patinação é uma atividade sistemática praticada por inúmeras pessoas ao redor do mundo, tanto em rodas como no gelo, sendo ela praticada com fins de performance esportiva, condicionamento físico, terapêutico e até como uma atividade de lazer.

Quando questionados sobre como começaram a dar aulas, a maior parte respondeu que começou ainda adolescente, auxiliando como monitores nas aulas de turmas iniciantes dos clubes da época. Para Sujeito B, “Em 1996 (18 anos) já ajudava no Colégio Dom Bosco com os ensaios de show do elenco infantil. Minha vida sempre foi patinar e trabalhar com isso foi uma consequência natural da dedicação a este esporte. Em 1998 meu clube de origem fechou (Dom Bosco) e procurei a Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo para continuar treinando. Fui convidada por eles para auxiliar a equipe de competição [...]” Para Sujeito A, “Oficialmente aos 18 anos, em 1985, em Lajeado. Porém, já fazia monitoramento desde os 15 anos em Porto Alegre e Viamão.” Para Sujeito F, “Em 2007, quando ainda tinha 16 anos e estava no 2º ano do ensino médio, minha técnica me convidou para auxiliá-la com algumas turmas da escolinha do meu clube. Eu a ajudava somente uma vez na semana porque nos outros dias já tinha aula no colégio. No ano seguinte meus horários não fecharam mais e não pude mais ajudar. Em 2009 ingressei no curso de Educação Física na Univates, em Lajeado. Retornei às atividades da patinação no ano de 2010 e desde lá não parei mais [...]” Para Sujeito D, “O meu professor de patinação me convidou para ajudar ele como monitora no ano de 2010, eu tinha 15 anos e auxiliava principalmente com as crianças mais iniciantes. Comecei a me encantar por ensinar a patinar e fui ganhando espaço, evoluindo para ajudar a turma das intermediárias e depois avançadas. No ano de 2013 (ano que entrei na universidade) ele me deu a oportunidade de assumir aulas sozinha com supervisão e depois isso tornou-se comum, grande parte das aulas ficavam por minha conta. Em 2016 fui convidada a treinar a equipe de competição [...]” Para Sujeito G, “Comecei ajudando os professores nas turmas iniciantes mais cheias como monitora, depois de alguns anos quando o professor faltava eu o substituí e depois em 2001 tive a oportunidade de assumir uma escola e como

sempre gostei de passar para os outros tudo que já havia aprendido, amei esta oportunidade e nunca mais parei. Em 2002 criei a Corpo em Movimento [...]” Para Sujeito C, “Em 2013 decidi que queria me dedicar mais a patinação e resolvi fazer educação física para poder ministrar aulas de patinação. Em 2015 fui convidada para dar aulas mas por problemas financeiros não pude abraçar a oportunidade. Já em 2016 comecei a dar aulas e continuo até o momento.” Para Sujeito H, “Estive me especializando na área técnica da patinação com cursos no Uruguai e vários nos Estados Unidos da América, tendo a certificação da Confederação Norte Americana, já que no Brasil não temos cursos superiores neste esporte.” E, por fim, para Sujeito E, “Em 2002 minha técnica mudou-se para Florianópolis, mesmo ano em que fui convocada para meu primeiro mundial. Para não deixar o grupo terminar eu e duas amigas continuamos a ministrar as aulas em 2003. Logo ambas seguiram outros rumos e eu continuei com o trabalho, me tornando a proprietária oficialmente do grupo em 2011, quando me formei em educação física.” Vê-se então que, com o passar do tempo, todos foram adquirindo mais experiência para ministrar aulas sozinhos. E a faculdade de educação física, na maioria dos casos, se tornou consequência da vontade de trabalhar com o esporte.

Com relação a visibilidade da patinação hoje, os entrevistados ressaltaram que ainda falta muito para a patinação ser reconhecida. É um esporte ainda pouco divulgado se comparado a outros, como futebol, basquete, entre outros. A falta de patrocinadores também impede a popularização da prática. Quando conhecida, sempre remete-se mais a patinação no gelo, que tem campeonatos transmitidos em canais esportivos. Em 2007, nos jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, o medalhista de ouro Marcel Stürmer trouxe o esporte à tona. Sujeito A ressalta em sua entrevista que “graças aos títulos do Marcel e o marketing que ele próprio faz pela sua carreira, acabamos tendo um pouco de visibilidade na mídia”. E realmente hoje em dia ele é o patinador mais conhecido no Brasil. Sujeito F afirma que a patinação é conhecida hoje principalmente por filmes que mostram a patinação no gelo ou por desenhos e telenovelas, como *Soy Luna*, telenovela argentina coproduzida pela *Disney Channel* que conta a história de uma menina que ama cantar e dançar e sonha em ser patinadora profissional. Sujeito H, em sua entrevista, critica a patinação no Brasil, diz que ainda é extremamente amadora, sem projetos claros, sem profissionais comprometidos com o desenvolvimento técnico, e por isso há uma expansão desordenada e provavelmente com baixo

resultado. Mas ele ainda acredita que novas gerações venham a ter mais condições para realizar um melhor trabalho, com fundamentos científicos, através de uma faculdade de educação física comprometida com todos os esportes. Por fim, Sujeito G ressalta que a imagem que as pessoas têm sobre a patinação está mudando, e cada vez mais tem se procurado bons locais para iniciar a prática, fazendo o esporte voltar à moda, como era nos anos 80.

Dentre as dificuldades e desafios do esporte, todos comentaram sobre a falta de divulgação e patrocínios para os atletas, uma vez que a maioria é bancada pelos pais para poder participar de competições, e quando não possuem condições acabam desistindo do esporte; os materiais, acessórios e roupas/figurinos que são caros; as viagens e hospedagens que saem do bolso do atleta; a falta de espaços adequados para a prática; e ainda a falta de regulamentação da profissão, que permite qualquer um dar aulas. Sujeito D acredita que estes problemas encontrados no esporte é também responsabilidade nossa (dos envolvidos com a patinação), que precisamos nos organizar melhor para conseguir mais visibilidade e assim desenvolver a prática e ganhar investimento e reconhecimento. Sujeito E citou em sua entrevista a dificuldade que encontramos para achar quadras para treinamento, uma vez que os donos de ginásios poliesportivos não alugam seus espaços para patinadores, alegando que os patins “arranham ou estragam o piso”. Ou seja, sofremos exclusão no próprio meio esportivo. Ela também comenta sobre as controvérsias sobre qual órgão regulamenta um treinador de patinação. Ela diz: “Eu sou a favor da formação profissional de qualquer pessoa. Um bom atleta nem sempre será um bom mestre, mas um bom mestre sempre formará bons atletas. Então eu, como profissional da educação física discordo em ver muitos 'professores' dar aula sem formação. E, muitas vezes, os processos legais amparam alguns tipos de casos. Realmente não é a faculdade de educação física que formará um treinador de patinação, ele deve ter vivência na área, experiência técnica, mas com certeza a metodologia do ensino é diferenciada.” Em 2016, Marcel Stürmer e outros patinadores contestaram judicialmente a exigência do Conselho de Educação Física do Rio Grande do Sul de que somente profissionais que tenham registro na entidade podem dar aulas de patinação artística. Alguns patinadores discordam da exigência do diploma em educação física, uma vez que dentro do curso não há nenhum tipo de conhecimento da patinação, fazendo os profissionais da área buscarem aprimoramento em cursos específicos e até mesmo fora do país. O Conselho alega

que a patinação pode trazer riscos à saúde se não ministrada por um profissional da educação física que entenda o desenvolvimento motor e corporal de cada tipo de aluno, pois uma mesma aula pode ser dada para adultos ou crianças. Acredito que o conhecimento que a educação física traz com relação a como o corpo humano movimenta-se durante atividades físicas, e como entendemos as especificidades de cada estágio do desenvolvimento motor e do próprio indivíduo é de extrema importância para se ensinar e ministrar aulas de diferentes esportes, inclusive a patinação. Mas para isso se faz necessário um profissional que tenha conhecimento no esporte para entender também os movimentos e técnicas específicas da prática.

Como citado antes, essas dificuldades encontradas fazem com que a patinação não seja tão acessível assim. O preço dos materiais e o investimento para campeonatos é o que mais assusta os praticantes. Porém, alguns dos entrevistados acreditam que as aulas em si possuem um custo acessível na maioria dos lugares, e o investimento da compra dos patins, quando comparado à outros esportes de grande custo, é viável. Sujeito B afirma com veemência que “para atletas que querem ser profissionais a patinação não é acessível!” E muitos se perdem por falta de incentivo. Sujeito H exemplifica a situação falando sobre a crise econômica que sofremos atualmente, onde um salário mínimo é de R\$ 937,00 (novecentos e trinta e sete reais), e um equipamento de menor custo está em torno de R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais), sendo assim aproximadamente 50% do salário mínimo, mais o preço das aulas, o deslocamento e uma série de outros custos, dificultando o interesse pela atividade. Sujeito F relata que “existem projetos de fábricas de patins vinculados a prefeituras que auxiliam para a viabilização do esporte mesmo para quem não tenha condições de adquirir patins, e que devemos batalhar para que essas parcerias ocorram.” Sujeito E, em sua entrevista, conta que conhece casos de superação de quem tinha muita vontade de aprender a prática e conseguiu com força de vontade e apoio de um profissional que aceite desafios, como o caso de uma aluna sua que tinha apenas uma perna e utilizava as muletas para se equilibrar em alguns momentos. Conta também que já teve um aluno de setenta anos que sonhava aprender a andar de patins. E, atualmente ela tem um aluno autista em sua escola, que participa de diversos campeonatos e é excelente tecnicamente. Ela acredita que, apesar do alto custo, a força de vontade ainda é o principal motivador para a prática, e os praticantes terão inúmeros ganhos físicos, mentais e afetivos com o esporte.

Será que mesmo com essas dificuldades relatadas a patinação poderia ser introduzida como conteúdo para a educação física escolar? Quais benefícios teríamos ao implantar a prática na escola? Segundo Silva e Bracht (2012) a partir da década de 80, desenvolveu-se no Brasil um movimento de renovação da Educação Física. Uma das vertentes desenvolvida neste âmbito, propôs, para superar essa tradição, um ensino nas escolas que possibilitasse aos educandos uma apropriação crítica do acervo da cultura corporal de movimento. Com isso, novas práticas poderiam ser incorporadas à educação física escolar, trazendo novas experiências e maior repertório para os alunos. Os autores relatam que, embora estudos demonstrem grandes dificuldades para que essas propostas cheguem efetivamente à escola e lá sejam incorporadas ao cotidiano escolar, elas ainda sim vêm sendo utilizadas por professores de Educação Física em diversas escolas, de diferentes estados e municípios de nosso país. No entanto, estas experiências estão dispersas e na maioria das vezes não sistematizadas, de maneira que seu potencial de disseminação e de estímulo para novas experiências não pode se realizar mais efetivamente.

A produção dessas inovações na educação física tem íntima relação com as histórias de vida dos professores e a forma como se relacionam com sua profissão (Silva e Bracht, 2012). Com isso entendemos que a patinação, se uma vez praticada pelo professor, estará dentro das possibilidades do mesmo. Nas entrevistas, a resposta dos professores foi unânime: Sim, a patinação pode ser uma possibilidade na educação física escolar. Para Sujeito C, “Acredito que possa ser introduzida, assim como era no colégio Dom Bosco, pois trabalha equilíbrio, coordenação (tanto motora quanto, aprender a cair, aprender a ter disciplina e ter uma prática diferente).” Para Sujeito G “Acredito que sim para o desenvolvimento do equilíbrio, força, coordenação e ritmo.” Para Sujeito E, “Acredito que sim, porque além de abrir o leque de trabalho ao treinador formado em educação física, possibilita a prática de um maior número de crianças e adolescentes. Exemplo: no meu último mundial, Taiwan, visitei uma escola no horário da educação física. Me encantei, pois um grupo aprendia patinação, outro grupo lutas, outro grupo futebol.” Para Sujeito B, “Acredito que sim. É um dos esportes mais completos que existem! Trabalha equilíbrio, lateralidade, coordenação, musicalidade, força muscular, é pura diversão. Para praticar é necessário um ginásio e praticamente toda escola possui. O investimento nos patins pode ser um problema inicial, mas um projeto junto aos

fabricantes poderia viabilizar totalmente. De fato, muitos colégios de Porto Alegre já oferecem Patinação Artística como atividade extra e a procura é sempre grande.” Para Sujeito H, “Acredito que realmente a patinação só terá um upgrade, quando houver o interesse das faculdades de educação física de nosso país, entrarem com um projeto junto ao MEC, para estabelecer e mostrar a importância de termos todos os esportes, não só os olímpicos e nem aqueles que são intensamente divulgados, por interesse de alguns fabricantes de material esportivo.” Sujeito F afirma, “Com toda a certeza. A patinação, assim como outros muitos esportes que são repassados em aulas de educação física escolar, traz muitos benefícios aos seus praticantes. É um esporte que trabalha o equilíbrio, a força, a flexibilidade e a coordenação, além da parte social junto ao grupo.” Sujeito A afirmou “Não poderia responder outra coisa a não ser que sim, pois entrei no esporte através da escola como E.F., trabalhei no colégio Dom Bosco com o currículo do jardim A até o segundo ano e hoje dou aula em uma escola municipal de Novo Hamburgo, onde faz parte de um projeto para crianças de baixa renda. Porém, se tratando de aulas de patinação, devem ser ministradas por técnicos de patinação, formados ou não em educação física.” Sujeito D afirma que sim também, e relata sua experiência: “Sem dúvida, eu mesmo trabalhei três aulas com essa prática com alunos do quinto ano do ensino fundamental. A maior dificuldade é o material, precisa ter patins para todos os alunos ou até trabalhar com metade da turma de patins e a outra metade ajudando e depois troca, mas desta forma os pés dos pares devem ser do mesmo tamanho. Precisamos ser cautelosos em relação a idade e ao perfil da turma e fazer um planejamento bem estruturado. Sem dúvida nenhuma chama muito atenção e os alunos se interessam muito pelas aulas e pelo aprendizado. Minha experiência foi riquíssima mesmo que em apenas três aulas.” De forma geral, a patinação trabalha diversas valências físicas, além de muita coordenação, equilíbrio dinâmico, percepção corporal, e claro, existe o lado social e cultural, que pode ser muito explorado nas aulas pelo professor. Entendo que a patinação se torna uma alternativa quando o professor conhece a prática, os movimentos e técnicas, e tem a possibilidade de fazer parcerias para levar os patins para dentro da escola. Eu pude realizar isso no estágio do ensino fundamental, e tive êxito na atividade. Pude ver crianças que nunca haviam ouvido falar do esporte ou nunca tinham visto um patins de perto experimentando uma modalidade divertida e completamente diferente de seu habitual.

E de que forma podemos ensinar a patinação nas aulas de educação física? Para Sujeito G e Sujeito C, o ideal seria um espaço adequado, com barras em torno da quadra para que os alunos pudessem se segurar até ganhar confiança. E aulas lúdicas, com exercícios simples e brincadeiras seria o mais adequado. Para Sujeito F a prática pode ser “Assim como iniciamos nas escolinhas de patinação. Todos alunos poderiam ser inseridos no esporte a fim de se auto conhecerem e terem o conhecimento de mais uma prática corporal. Exercícios básicos como carrinho, garça e quatro poderiam ser passados em aula [...], mas poder realizar o simples deslizar dentro das aulas de educação física já seria o sonho de qualquer técnico de patinação.” Sujeito A também afirma que a patinação pode ser ensinada na educação física como é em qualquer escolinha de patinação, desde que primeiro e ensine no mínimo, a base do esporte para evitar acidentes e exercícios prejudiciais. Para Sujeito B, “Creio que na educação física escolar deveria ser ensinado o básico do esporte, como em todas as outras disciplinas esportivas. Aprender o equilíbrio, andar de frente, de costas, figuras, consciência corporal, pequenos saltos, coreografias de grupo, incentivar a criatividade dos alunos com eles produzindo suas próprias coreografias. Parte teórica: Onde a patinação iniciou, partes dos patins, órgãos que regem o esporte, regulamentação, modalidades praticadas.” Sujeito E também acredita que, para a educação física escolar, a patinação deve ser ensinada de forma lúdica, e ser dividida dentro do planejamento do professor, por exemplo: “[...] Bimestral – dois meses de vôlei, dois meses de patinação [...]”, e ressalta: “A educação física escolar não tem o intuito de formar atletas, mas sim proporcionar vivências que promovam hábitos saudáveis, assim como proporcionar ao aluno que tenha um maior conhecimento sobre o esporte que deseja se aprofundar.” Para Sujeito H a patinação deve ser ensinada “Dentro de um processo ensino aprendizagem, com valores lúdicos e de atividade artística, cultural, social e com um embasamento de fundamentos básicos para descobrir novos talentos para o esporte da patinação, não só artística, mas hóquei, corrida, radical e tantas outras.” Sujeito D, que teve a oportunidade de dar aulas de patinação em seu estágio no ensino fundamental diz que: “Ela pode ser tanto ensinada como um esporte para praticar quanto para conhecer. Isso depende muito da realidade dos alunos, das condições físicas da escola e do bairro e até mesmo da idade. Inicialmente tem que ter o período de adaptação para assim partir para os principais fundamentos e para atividades mais lúdicas. Também é possível levar curiosidades e conhecimentos do

esporte, mas sempre como uma visão de uma prática para enriquecer o repertório motor e a cultura corporal de movimento dos alunos. Caso aconteça de surgir algum aluno que se dê muito bem com a prática é necessário indicar espaços para que ele tenha uma maior evolução e até possa vir a competir, ou apenas praticar por interesse. Não podemos esquecer que as aulas de Educação Física escolar não tem o propósito de formar atletas para determinadas práticas. A quantidade de conteúdos a se ensinar é enorme e podemos usá-los para identificar talentos ou despertar interesses, mas não para criar especialistas, assim como um professor de história não cria um aluno especialista na história do Brasil e sim traz possibilidades de conhecer melhor caso ele tenha interesse.” Em minha experiência, antes de ministrar as aulas, propus um trabalho onde cada grupo tinha um nome de um atleta e deveriam pesquisar sobre a vida e a modalidade esportiva do mesmo e trazer para apresentar para a turma. Assim, o grupo que pegou o atleta Marcel Stürmer trouxe curiosidades e histórias da vida dele e da patinação, trazendo para turma uma breve noção do esporte. Minhas aulas práticas então tiveram um caráter lúdico, pois tive pouco tempo para introduzir a atividade. Mas mesmo que para experimentação, a patinação enriqueceu meu plano de ensino.

Segundo Tudury (2012) a patinação artística pode ter diferentes fatores motivacionais como a saúde e o controle de estresse na busca da atividade e exercício físico. Em um estudo realizado por Ingledew e Markland (2005, apud Tudury, 2012 p.36), constatou-se que o engajamento social apresenta-se como um dos principais fatores para a prática de atividades físicas, e a patinação, por mais que seja uma modalidade individual, é ótima para troca de relações sociais entre as crianças e jovens, sendo um importante fator motivacional para a prática. Além de tudo o simples ato de deslizar com os patins torna-se uma atividade motivadora, desafiadora e divertida para nossos alunos.

Antes de finalizar a entrevista, Sujeito A ressaltou sua opinião de que “[...] a patinação deve sempre ser orientada por pessoas qualificadas na área da patinação. A formação em si na área de educação física, não habilita nenhum aluno para tal. O profissional que tiver a formação de educação física, terá, obviamente, maiores condições de orientar seus atletas na preparação física, entre outras áreas. Caso o profissional não seja formado, deve se limitar ao ensino técnico dos movimentos e encaminhar seus atletas aos profissionais das áreas de preparação física, condicionamento, reforço, etc. Assim como as outras áreas que envolvem um atleta

de competição, como por exemplo a nutrição e a psicologia.” Sujeito B também acrescentou que “[...] como em todas as disciplinas, sempre se faz necessário um profissional qualificado e capacitado para atender as necessidades do praticante. Prestar atenção a segurança dos patinadores, principalmente no início da aprendizagem, sempre respeitando os limites e o *timing* de cada indivíduo.” Sujeito H, que algumas vezes se mostrou durante a entrevista descontente com a condição da patinação artística no Brasil explicou que não é pessimista quanto a situação, “[...] pois se fosse assim já teria a muito tempo deixado de lado, como outros profissionais, este esporte que muito me incentivou, como atleta, depois como instrutor, professor (por isso fiz a faculdade de educação física), como técnico (que muito investi recursos pessoais para buscar conhecimento em outros países, já que aqui estávamos engatinhando) e por ser um eterno sonhador e apaixonado pela patinação.” E Sujeito D salientou sua esperança de que “[...] a patinação se desenvolva cada vez mais e seja mais inserida na escola, porque se isso acontecer mais alunos e pessoas terão a oportunidade de conhecer esse lindo esporte que ainda pode ser muito apreciado e visto pela nossa sociedade.”

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que vi das narrativas dos professores de patinação entrevistados, tendo como objetivo interpretá-las para compreender como se dá a formação de um profissional da área e se há possibilidades de inserir o esporte nas aulas de educação física escolar, somado ao meu percurso com a patinação, retomo ao problema de pesquisa: Como ocorre a construção do percurso com a patinação artística e suas possibilidades na educação física escolar? Percebo que na maioria dos casos a patinação entrou na vida de todos quando ainda eram muito jovens, por influência de familiares e amigos, ou pelas escolas que oferecem o esporte como atividade extra classe. E por ser um esporte de alto condicionamento físico, mas que traz vertentes marcantes da arte, da dança e da expressão corporal, fascinou a todos que o praticavam. Assim, nossos entrevistados começaram a se envolver mais profundamente com a prática, ajudando seus professores da época a dar aula e montar coreografias para shows e campeonatos. Para se aperfeiçoar, buscaram a formação na área da educação física, que mesmo não trazendo o conhecimento sobre a patinação em seu currículo, traz os conhecimentos imprescindíveis para os profissionais do esporte e práticas corporais de forma geral, pois a patinação requer habilidades que devem ser ensinadas respeitando os limites e desenvolvimento de cada um, para que o aluno não seja prejudicado corporalmente. Alguns acreditam ainda que é possível que se dê aula de patinação de forma mais técnica somente com os conhecimentos de cursos e oficinas realizados especificamente para a patinação, outros acreditam ainda que no Brasil não há uma formação destinada à profissionais da área, fazendo-se assim necessário a busca por conhecimentos fora do país.

Com relação à acessibilidade da patinação, todos os professores concordam que é um esporte caro, mas que o investimento vale a pena por tudo que a patinação oferece aos praticantes, seja fisicamente, mentalmente ou socialmente. Já para os atletas que querem seguir carreira no esporte, é extremamente difícil manter a prática. Patrocínio, visibilidade e espaços adequados para treinamento dificultam o alcance ao sucesso. Mas mesmo com dificuldades, todos os entrevistados acreditam que a patinação artística possa ser uma possibilidade nas aulas de educação física escolar.

Ainda hoje a educação física escolar está presa à um modelo antigo de aulas, que tendem a reproduzir esportes tradicionais pelo simples fato de ocupar o tempo

de nossos alunos, quando na verdade deveríamos oportunizar as mais diversas práticas corporais para nossos alunos, e identificá-las culturalmente, dando-lhes sentido e valor. O professor deve buscar conhecimentos em diferentes áreas para poder apropriar-se deles e inseri-los na realidade de seu ambiente escolar. Os depoimentos dos professores entrevistados trazem a patinação como alternativa eficaz para as aulas de educação física escolar, mesmo que de forma lúdica, trazendo a oportunidade de se conhecer mais um esporte pouco valorizado no Brasil hoje.

Para mim, a pesquisa foi de grande aprendizado, uma vez que pude conhecer diferentes histórias semelhantes e diferentes da minha, me ajudando a entender como podemos crescer com a patinação e transformá-la em um esporte mais acessível, trazendo-a para a educação física escolar. Acredito que ainda há poucos estudos sobre o esporte, o que dificulta sua disseminação nas escolas e faculdades. A partir do que vi na literatura e com as narrativas, entendo que a patinação pode ser inserida na educação física escolar num primeiro momento de forma cultural, apresentado a prática e sua história aos alunos para que primeiro eles entendam como funciona e como pode ser praticada. Após, de forma mais lúdica, fazendo os alunos experimentarem a sensação de andar de patins. Depois, se for possível e dependendo do andamento da turma, introduzir uma sequência pedagógica de exercícios simples que possam ser praticados por todos. E por fim, talvez montar alguma coreografia ou propor que os próprios alunos montem e apresentem aos colegas, professores ou até para os pais, caso sintam-se aptos.

Assim, concluo que a patinação pode ser incluída nas aulas de educação física escolar, se ministrada por um professor que conhece e domina a prática, para que nossos alunos tenham experiências condizentes com a realidade do esporte, e se tiverem interesse que possam buscar aperfeiçoar a prática.

## 8. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Amanda Haberland. **Efeitos de Dois Tipos de Sessão de Treino em Parâmetros Fisiológicos e Neuromusculares de Patinadores**. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2012.

BRANDÃO, Leonardo. HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS CORPORAIS JUVENIS. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 2, n. 6, p.95-104, 2012.

BRANDÃO, Leonardo. HISTÓRIAS ESQUECIDAS DO ESPORTE. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, v. 7, n. 2, p.13-23, maio/ago 2009.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ORGS). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª edição. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DIAS, Leandro Nogueira. **O DESEMPENHO E A INFLUÊNCIAS DO SALTO VERTICAL SOBRE PATINS NAS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA PATINAÇÃO**. 2006. 44 f. TCC (Pós-Graduação) - Curso de Educação Física, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Puc/rs, Porto Alegre, 2006.

FERREIRA, Luís Filipe Costa. **Habilidades Específicas do Hóquei em Patins: Técnica Individual e Situações de Jogo Simplificadas**. 2012. 69 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências do Desporto, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PANTOJA, Laura Dias. Garimpando Memórias: Depoimento. 09.out.2007. Porto Alegre, **Federação Gaúcha de Patinagem**. Entrevista concedida a Ana Maurmann.

PANTOJA, Patrícia Dias. **Respostas Cinemáticas, Cinéticas e Neuromusculares de Diferentes Saltos da Patinação Artística**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2012.

PARDO, Cindya Katerine. **PATINAÇÃO: UMA ALTERNATIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2015. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2015.

SCHMITZ, Édina; KIRCHNER, Elenice Ana. **CLUBE DE PATINAÇÃO DANÚBIO AZUL E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO LONGO DE SUA TRAJETÓRIA EM ITAPIRANGA/SC**. *Revista Saberes e Sabores Educacionais*, Itapiranga, n. 3, p.55-69, 2016.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TUDURY, Gabriela. **A Motivação na Prática da Patinação Artística: Uma Revisão de Literatura**. 2012. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2012.

ZECHIN, Emerson José. **Biomecânica da Patinação de Atletas de Hóquei Sobre Patins**. 2003. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Bioengenharia, Universidade de Sao Paulo, São Carlos, 2003.

## 9. APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança  
TCC Francine Schuch Bungi  
QUESTIONÁRIO PARA TÉCNICOS(as)/PROFESSORES(as) DE PATINAÇÃO  
ARTÍSTICA

Nome:

Idade:

Formação

Escola/Clube que atua:

- 1) Quando e como você começou a praticar a patinação artística?
- 2) Quando e como se tornou técnico/professor?
- 3) Como você acha que a patinação é vista hoje pelas pessoas, pela mídia?
- 4) Quais as maiores dificuldades/desafios do esporte?
- 5) Você acredita que seja um esporte acessível? Por quê?
- 6) Você acredita que a patinação poderia ser introduzida como conteúdo para a EFI escolar? Por quê?
- 7) Como a patinação poderia ser ensinada na Educação Física escolar?
- 8) Gostaria de corrigir ou acrescentar algo ao que foi escrito?